

A VITÓRIA DA PULSÃO DE MORTE: EROS VERSUS MALDADE ORIGINAL

| VALTON DE MIRANDA LEITÃO¹

RESUMO

Neste trabalho pretendo mostrar que a destrutividade inerente à pulsão de morte somente encontra um caminho quando integrada na perversão de certas formas fetichistas acompanhadas de crueldade, tortura e morte. Não se trata aqui de desconsiderar o poder de Eros e do amor, mas de mostrar que o homem é um matador modelar. Nessa perspectiva, todos os instrumentos de crueldade, tortura e morte que a humanidade já inventou são a demonstração concreta desta formulação, que poderia ser chamada de “princípio do mal”, parafraseando Freud. Assim, teríamos o princípio do prazer-desprazer, o princípio de realidade e o princípio da maldade.

Palavras-chave: Destrutividade. Pulsão de morte. Princípio do mal. Tortura. Perversão. Autonomia da pulsão. Destruído.

ABSTRACT

My purpose with this paper is to show that the inherent destructiveness in the death drive find its way when integrated into the perversion of certain fetishistic forms followed by cruelty, torture and death. It is not a matter of disregarding the power of Eros and love but show that the man is not a model killer. In this perspective, all the instruments of cruelty, torture and death, which the humanity has already invented, are the concrete demonstration of this formulation that could be called “evil principle”, paraphrasing Freud. Thus, we would have the pleasure-displeasure principle, the reality principle and the evil principle.

Keywords: Destructivity. Death Drive. Evil Principle. Torture. Perversion. Drive Autonomy. Destruído.

¹ Médico. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.

A primeira exigência da civilização, portanto, é a de justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo.

Sigmund Freud

1.

O título deste artigo indica o caminho psicanalítico que pretendo percorrer para propor uma tese que se baseia no conceito de pulsão de morte enquanto autonomizado em relação à pulsão de vida. É sabido que Freud se debateu com a dualidade entre Eros e Tanatos, resolvendo-a somente em 1938, em o *Mal-estar na cultura*. No trabalho supracitado, Freud indica que a destrutividade humana se coloca na contramão da cultura e poderá destruir a civilização. O processo civilizatório buscaria sempre unidades cada vez maiores de coletividades, integradas pacificamente em povos e nações. Isso, entretanto, não é o que historicamente prevalece, sendo a tese hobbesiana da guerra permanente uma verdade difícil de contestar.

Neste trabalho pretendo mostrar que a destrutividade inerente à pulsão de morte somente encontra um caminho quando integrada na perversão de certas formas fetichistas acompanhadas de crueldade, tortura e morte. Não se trata aqui de desconsiderar o poder de Eros e do amor, mas de mostrar que o homem é um matador modelar. Nessa perspectiva, todos os instrumentos de crueldade, tortura e morte que a humanidade já inventou são a demonstração concreta desta formulação, que poderia ser chamada de “princípio do mal”, parafraseando Freud. Assim, teríamos o princípio do prazer-desprazer, o princípio de realidade e o princípio da maldade.

Esta temática foi tratada por mim em *O inimigo necessário: a paranoia em Carl Schmitt* (2015). No texto referido, porém, a crueldade é tratada dentro dos limites metapsicológicos, do sadismo-masochismo, inscritos na pulsão sexual. No presente

estudo, tais dispositivos são vistos como epifenômenos entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. O campo de concentração, forma exemplar de crueldade, não é fenômeno adstrito ao nazismo ou fascismo, mas encontra-se espreado por toda a história humana. Não se trata de minimizar o holocausto que atingiu o povo judeu, mas de compreender que o inumano está contido no humano. As formas históricas apresentadas em diversos modelos de barbárie estão, por outro lado, correlacionadas aos entrecosques coletivos de classes e constantes embates por território, diferenças étnicas, meios de sobrevivência ou simplesmente prestígio e poder.

A zona de sombra que separa a pulsão sexual da destrutividade e alimenta os dois termos desta equação que não é dual, mas dialético é o narcisismo da diferença. O ódio ao estrangeiro, o racismo ou o ódio ao outro diferente no corpo e no pensamento são os ingredientes mentais mais importantes de todas as formas de crueldade e tortura. Há, entretanto, um momento em que a crueldade se torna autônoma, independente, e funciona como poderosa máquina de destruição.

Utilizarei a palavra de origem latina *destrudo*² como o equivalente na pulsão de morte para a palavra libido na pulsão sexual, evidentemente aqui no sentido puramente descritivo. As figuras históricas como o mongol Tamerlão ou o alemão Hitler, que personificaram essa destrutividade, são apenas manifestações fetichizadas do processo histórico. Dessa forma, a representação simbólica na linguagem não consegue barrar a força tanática do *destrudo*. As manifestações da destrutividade são tantas que seria difícil enumerá-las.

A temática do esquarteramento não é nenhuma novidade, pois Maquiavel, em *O príncipe*, cita as práticas cruéis de Cesar Borja, as quais incluíam o destroncamento do inimigo arrastado por quatro cavalos que seguiam em diferentes direções. As controversas ideias maquiavelianas são, na verdade, a própria técnica do fazer histórico político, na qual a moral religiosa precisava ser, pelo menos formalmente, separada do procedimento laico.

2 *Destrudo* é um termo introduzido pelo psicanalista italiano Edoardo Weiss em 1935 para designar o equivalente na pulsão de morte da palavra libido na pulsão de vida. O seu emprego foi apresentado no *International Journal of Psycho-Analysis* (1953), vol. 23, p. 74.

Destarte, não há como separar a historicidade representacional simbólica do inconsciente coletivo e individual. É nessa imbricação que flui a dialética contraditória entre concórdia e discórdia³, pulsão de vida *versus* pulsão de morte.

2.

O estado de guerra de que nos fala Hobbes não é o conflito iminente, mas o potencial permanente para o combate. A paz perpétua kantiana, nessa perspectiva, não pode jamais existir, pois, conforme diz Carl Schmitt, seria preciso um governo supranacional vigorando em todo o planeta, o que realisticamente falando é uma meta absurda.

Dessa maneira, para situar as inconfiências, sublevações e conspirações sempre presentes entre os povos, escolhi algumas situações que servirão como exemplos históricos para o desenvolvimento do nosso tema.

Disse noutra lugar que o campo de concentração não é inerente ao holocausto judeu, mas acontece historicamente em todo o planeta. Há um complexo sistema de processos sócio-históricos e de mecanismos conscientes e inconscientes interligados entre a dinâmica da tortura, o campo de concentração, o curral dos refugiados, o racismo e a pobreza.

No artigo “Crime e tortura na vida nua”, publicado em 2016, escrevi o seguinte sobre a dinâmica da tortura:

O conceito de tortura precisa ser ampliado para aproximá-lo à dialética da convivência sociocultural humana e dessa forma a tortura seria praticada cotidianamente na escola, na fábrica e na academia, mantendo uma relação dialética na convivência. É necessário dizer que a fronteira entre sofrimento e dor é muito porosa, podendo o sofrimento se tornar dor lancinante e a dor lancinante voltar ao estado de sofrimento⁴.

3 Empédocles citado por Freud em *Análise terminável e interminável* (1937/1974).

4 A relação entre trauma e desmentido coloca, em termos metapsicológicos e mais amplos, o problema da dor versus sofrimento.

O uso psicológico, social e político dessa dinâmica, que pode desaguar no crime, é o que tento expor neste trabalho. A tortura trabalha com a dor, que pode levar a mente até a psicose. É o caso do religioso brasileiro Frei Tito de Alencar⁵, que recebeu as mais cruéis torturas, desenvolvendo posteriormente um delírio psicótico. O torturador sabe que para isso é necessário reduzir sua vítima à invalidez física e ao completo abandono moral. Nesta solidão inexorável, o torturador, seviciando um corpo nu e indefeso, produz no ser humilhado uma total submissão, levando à perda da bússola interior, que aponta o caminho-sentido pela desqualificação da palavra-discurso, fazendo, assim, submergir a identidade no caos da dor e do sofrimento psíquico⁶.

Neste artigo refiro-me a Frei Tito de Alencar, que pagou o alto preço da completa identificação com o carrasco, com o qual passou a delirar, vindo a enforcar-se numa árvore quando exilado num convento em Paris.

Noutro trecho do artigo citado, consta o seguinte:

O processo de simbolização está anulado em todos os seus níveis para que prevaleça somente a vida nua que nem mesmo é a do escravo, mas se restringe ao Nada. O maniqueísmo volta à cena, dividindo o homem entre bom e mal, lobo e anjo. O maniqueu é um político ou religioso e/ou as duas coisas juntas, que acredita categoricamente na possibilidade de matar o lobo⁷ existente no outro homem. É essa loucura paranoica que alimenta a tortura em qualquer uma de suas formas, política ou social. O silêncio e o crime fazem parceria para que a tortura possa produzir seu efeito destruidor. O Ser desapareceu, o pensamento verbal não faz conexão com a realidade da linguagem, a destruição psicótica toma conta da mente e do corpo.

5 Frei Tito de Alencar, religioso dominicano brasileiro, nascido no Estado do Ceará, foi submetido às mais barbas torturas no Doi-Codi de São Paulo pelo delegado Fleury, conhecido pela sua ferocidade.

6 Muito recentemente, o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina cometeu suicídio após ter sido submetido a toda sorte de humilhação do Poder Judiciário e da Polícia Federal brasileiros.

7 Nelson Mandela, figura mitológica da África do Sul, disse que a história que conhecemos é escrita pelos caçadores, mas a outra história ainda está por ser contada pelos leões.

O campo de concentração hoje praticado nos currais de refugiados espalhados pela Europa obedece, em linhas gerais, a uma mesma dinâmica, terminando por produzir naquela coletividade um sentimento de desesperança e apatia, pois estão todos desidentificados.

O Brasil, ao longo da sua história, viveu momentos semelhantes, mas vou citar apenas dois, o do Cemitério de Perus⁸, em São Paulo, recém-descoberto, resultante das práticas genocidas da Ditadura Militar de 1964, e os campos de concentração, também recentemente descobertos em Fortaleza⁹, nos quais grandes cemitérios coletivos foram encontrados.

O primeiro exemplo histórico já se encontra à disposição dos pesquisadores na Biblioteca Nacional, mas o segundo foi extraído do artigo da professora Karla Patrícia Martins¹⁰, intitulado *Fome: o umbral da vergonha*:

A verdade histórica sobre os campos de concentração cearenses pode ser considerada um símbolo perdido da experiência da fome e do horror que foram apagados a partir da nossa cultura. O que, todavia, não pode ser esquecido, e menos ainda lembrado, cedo ou tarde faz a sua aparição. Em janeiro de 1994, centenas de ossadas foram encontradas, por ocasião de uma obra de saneamento na cidade de Fortaleza. Historiadores afirmaram a existência, no local, de um cemitério histórico (Lira Neto, 1999; Rios, 2014). A 'cripta' (Abraham & Torok, 1995) onde se encapsula o horror, força o desaparecimento dos campos de concentração da nossa história e, mais ainda, esconde o seu cadáver. Trauma e desmentido são duas figuras teóricas que andam de mãos dadas nas formações da clínica e da cultura.

Certamente que tais fatos, ingressados na historicidade e na cultura, promovem um luto individual e coletivo jamais resolvido. O luto nunca elaborado é o resultado

8 Cemitério de Perus, atualmente denominado Colina dos Mártires, foi utilizado para sepultar as vítimas das matanças promovidas pela Ditadura Militar de 1964 contra seus inimigos políticos. O genocídio ocorrido no Brasil foi institucionalizado em 1964 pelos militares latino-americanos em Montevidéu, na chamada operação Condor.

9 Fortaleza, capital do Estado do Ceará, situada no Nordeste brasileiro.

10 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Psicanalista.

do *destrudo* no qual, desde Troia¹¹, o mundo vive. O exemplo histórico mitológico dessa situação é o luto da viúva do rei Príamo de Troia Hécuba, que juntamente com suas filhas viveram no cativeiro, servindo sexualmente aos vencedores. Tal dispositivo continua sendo praticado largamente na chamada pós-modernidade, a qual tudo relativiza, colocando no grande mercado do lucro e da ganância as criaturas até agora denominadas mulheres como objetos.

Torturar é também retirar o indivíduo da sua dignidade representacional simbólica, produzindo um sofrimento que o Marquês de Sade já tinha exposto em alguns textos.

Freud nos diz sobre este trânsito para o *destrudo*:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e mata-lo. Homo homini lupus. (Freud, 1930/1974, p. 133).

3.

O objetivo deste trabalho é mostrar como a pulsão de morte autonomizada se torna uma perversão fetichista que Freud previra, mas nunca conceituou com maior precisão. Isso está bastante claro tanto em o *Futuro de uma ilusão* quanto em *O mal-estar na civilização*, que os autores pós-freudianos desenvolveram na clínica e na compreensão social e política.

¹¹ Os gregos invadiram Troia e destruíram não somente a cidade, mas igualmente suas tradições, seus heróis, seus emblemas e levaram as mulheres como escravas ou concubinas.

O mundo vive um verdadeiro ecocídio; a população que habita o planeta é submetida a toda sorte de sofrimentos e torturas encobertos por uma hipocrisia ética coordenada pelas imagens midiáticas produzidas pelos senhores de uma extensa dominação.

A pulsão de morte é um termo genérico para a desobjetalização narcisista e para a destruição pura e simples do outro semelhante.

Marquês de Sade, gênio dos libertinos, ainda a colocava implicitamente na confluência entre o erotismo e a destrutividade. A ponte que interliga pulsão de vida e morte é encontrada no narcisismo grandioso do soberano e na estrutura do narcisismo da diferença que separa povos e nações, alimentado pelo ódio irracional. A ideologia racista, que se estende para além da cor da pele, inclui todos aqueles que por diferença intelectual, religiosa, política ou étnica são odiados.

O mal originário cuja energia tanática aqui foi chamada *destrudo* adquire nas diversas formas de perversão o seu sentido mortífero. Os fetichismos que atualmente se espalham pelo mundo estão estreitamente vinculados ao espírito de manada/rebanho que os *mass media* impulsionam. O individualismo não pode ser confundido com autonomia, pois se torna o mais grosseiro egocentrismo que, curiosamente, depende do rebanho, da imagem midiática desqualificadora do discurso significante.

A nova teocracia tem um deus que na mitologia era Pluto, mas agora se chama simplesmente dinheiro. O ídolo atual é adorado por toda parte no altar do que se denomina sem muita precisão, mercado. É em nome dessa ignomínia que, como no filme *Matrix*, a verdade vira mentira e a mentira torna-se verdade; a lei usada é como instrumento de opressão e a democracia simplesmente transforma-se em palavras vazias.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *Homo sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Arantes, M. A. A. C. (2013). *Tortura: testemunhos de um crime demasiadamente humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1937/1974). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXIII.
- Freud, S. (1930/1974). O mal-estar na civilização. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/1974). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Leitão, V. M. (2015). *O inimigo necessário: a paranoia em Carl Schmitt*. Prefácio. São Paulo: Intermeios.
- Martins, K. P. H. e Kupermann, D. (2017). *Fome: o umbral da vergonha*. Trivium: Estudos interdisciplinares.
- Rorty, R. (2002). *Pragmatismo, Livro Anual de Psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta.
- Sandler, P. C. (2002). *A apreensão da realidade psíquica. Vol. VI: O belo é eterno: a interpretação dos sonhos, os românticos alemães e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vianna, H. B. (1994). *Não conte a ninguém. Contribuição ao histórico das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago.